

Tattoo - do submundo à 'arte' - prática de subjetivação inscrita na pele

Tattoo - from the underworld to 'art' - practices of subjectivation inscribed in the skin

 Edileide Godoi

 José Domingos

Resumo: Numa sociedade plural, sofremos, constantemente, uma grande modificação social adaptativa. Diante disso, nesse trabalho, investigaremos, na prática discursiva da tatuagem, como os sujeitos irrompem novas formas de se ver e novos estilos de viver. Para essa investigação, analisaremos perfis do Instagram de tatuadores atuantes em 2023. A questão que nos instiga versa sobre a escrita no corpo (tatuagem) como uma prática discursiva que há pouco tempo lutava contra as diversas formas de objetivação e exclusão, mas que, contemporaneamente, ganhou os corpos através das *técnicas de si para si* atravessados pelo discurso da arte. A teoria que nos auxilia é o da Análise discursiva Foucaultiana. A escolha se justifica devido a essa teoria acolher que o processo de subjetivação deve ser entendido como práticas refletidas e voluntárias, que não somente fixam regras de conduta, mas também procuram transformar-se, modificar-se em seu singular, fazendo de sua vida uma obra portadora de certos valores estéticos correspondente a certos critérios de estilo.

Palavras-chave: Tatuagem. Arte. Sujeito/subjetivação.

Abstract: In a plural society, we constantly undergo a great adaptive social change. Therefore, in this work, we will investigate, in the discursive practi-

Edileide Godoi. Doutora pela UPE/UFPB; edileide.godoi@upe.br

José Domingos. Doutor pela UFPB. Docente do Departamento de Letras e Artes da UEPB

ce of tattooing, how subjects break out new ways of seeing themselves and new styles of living. For this investigation, we will analyze Instagram profiles of tattoo artists who were active in 2023. The question that instigates us is about writing on the body (tattooing) as a discursive practice that not long ago fought against the various forms of objectification and exclusion, but which, at the same time, gained bodies through self-for-self techniques traversed by the discourse of art. The theory that helps us is the Foucauldian discursive analysis. The choice is justified due to the fact that she accepts that the process of subjectivation must be understood as reflected and voluntary practices that not only establish rules of conduct, but also seek to transform and modify herself in her singularity, making her life a bearer work. of certain aesthetic values corresponding to certain style criteria.

Keywords: Tattoo. Art. Subject/subjectivation.

Introdução

Numa sociedade heterogênea, em que os sujeitos estão relacionados aos mais variados modo de subjetivação “sofremos”, constantemente, uma grande modificação social adaptativa. Somos compelidos a explorar e a nos adaptarmos a muitas formas de comportamentos distintos. Nossa identidade coletiva não é mais representada de forma estável, por uma bandeira comum, uma língua, uma escrita, um mito, pois, conforme Bauman (2005), com a globalização, o Estado não tem mais o poder de manter uma união sólida e inabalável com a nação.

Esse processo nos dar a liberdade de não compartilhamos de uma única liderança e nem cultivamos uma ideologia comum que nos une todos à mesma nação social. As identidades culturais que antes pareciam fixas, estáveis, tornam-se afetadas e deslocadas pelos avanços tecnológicos e midiáticos proporcionados pela globalização.

Nesse ínterim, constatamos que os discursos em torno da prática da tatuagem estão inseridos nesse conjunto de práticas que, de certo modo, cultiva uma liberdade sobre si mesmo. Práticas subjetivadoras de si para si que procuram transformar-se, modificar-se em seu singular, fazendo de sua vida uma obra portadora de certos valores estéticos correspondente a certos critérios de estilo.

Portanto, inseridos em um contexto flexível, instável nossos “jovens”, ansiosos por romper com técnicas impostas pelo puritanismo da igreja e pelo estado totalitário, a partir dos anos 70, vêm buscando imagens e canais alternativos para expressar uma subjetividade privada, publicando seu “eu” no espaço público. As pichações, grafites ganham as ruas, a cidade, mas, “logo depois, talvez tenhamos percebido que a cidade era de todos, e o que é de todos, não é de ninguém” (Ramos, 2002). Assim, passamos a textualizar nosso próprio corpo, único canal posto permanentemente à nossa disposição, fazendo do corpo um espaço de liberdade.

De acordo com Foucault (1995), o problema ético, social, político e filosófico de nossos dias não é tentar liberar o indivíduo do Estado nem das instituições do Estado, mas a do tipo de individualização que a ele se liga. “Temos que promover novas formas de subjetividade através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos” (Foucault, 1995, p. 239),

Queremos, assim, nos atrever a problematizar a escrita no corpo (tatuagem) como uma prática discursiva que, em certa medida, por muito tempo, “lutou” contra a sujeição, contra as diversas formas de subjetivação e submissão que lhes eram impostas e oferecidas através das práticas objetivadoras institucionais ou não, submissas a determinados procedimentos de inclusão e exclusão. Isso porque a aceitação ou não de determinados discursos precisa estar inserido em um con-

junto de saberes de uma época, pois segundo Foucault (2010, p. 18), “a vontade de verdade é apoiada sobre um suporte de poder legitimado, tende a exercer sobre os outros discursos uma espécie de pressão e como que um poder de coerção”. Assim, acreditamos que a tatuagem, mesmo inserida em práticas contemporâneas, irrompe como discurso, que, por muito tempo, colocou em jogo a interdição e sua relação com o poder o desejo.

Por meio da interdição são instituídos proibições e direitos, que determinam o espaço no qual o sujeito pode ou não se pronunciar, estabelecendo relações de inclusão e exclusão. Esse mecanismo aparece dentro de um conjunto de sistema de controle e proliferação dos discursos determinando que “não se tem o direito de dizer tudo, (...) não se pode falar tudo em qualquer circunstância, (...) que qualquer um não pode falar qualquer coisa” (Foucault, 2010, p. 9).

É nesse espaço de desejo, poder e verdade da época que propomos analisar, através da prática da tatuagem, como os sujeitos tatuados contemporâneos irrompem novas formas de se ver e novos estilos de viver. Para tanto, analisaremos alguns perfis e publicações de tatuadores que circulam no *Instagram* no ano corrente (2023). Os perfis selecionados para uma análise discursiva foram: os dos tatuadores @brunomoreiratattoo; @danicunha.ink; @visãotattoo150; e o Studio @tatoariaoficial. A escolha desses e não outros em seu lugar, se justifica devido ao reconhecimento desses perfis nas redes sociais, bem como as regularidades inscritas no fio discursivo em torno singularidade do eu com pitadas de práticas objetivadoras para os sujeitos.

O arcabouço teórico que nos auxilia neste estudo é o da Análise Discursiva Foucaultiana. A escolha se justifica devido a essa teoria acolher na emergência discursiva aspectos referentes à forma de existência social dos sujeitos, os lugares de onde eles falam, as posições que

assumem, a formação e sua transformação, e os objetos e leis que os constituem, isto é, a relações entre saber, poder e ser.

Portanto, acreditamos que o discurso da tatuagem, outrora, não estando fora dos procedimentos de controle dos discursos, atraiu diferentes formas de luta e resistência, principalmente, no que tange aos procedimentos que coloca em jogo as relações entre inclusão e exclusão como, por exemplo, a interdição, separação/rejeição e a vontade de verdade (FOUCAULT, 1985), e que, hoje, esse jogo continua, embora, para isso, acolha novas formas de saber/poder como, por exemplo, o discurso da arte e da saúde. Sendo assim, inserida no verdadeiro da época, passando a estar apta as lentes do olhar.

O sujeito tatuado na (des)ordem do enunciável

“Mas o que há enfim de tão perigoso no fato de as pessoas falarem dos seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, a final, está o perigo?” (Foucault, 2010, p. 8). É a partir dessas questões que Foucault propõe determinados procedimentos de controle dos discursos e as imposições que regem os sujeitos do discurso. Para ele, os discursos que circulam na sociedade passam por determinado sistema de controle que “tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (Foucault, 2010, p. 9). São procedimentos internos e externos aos discursos.

Os procedimentos externos (a *interdição*, a *separação/rejeição* e a *vontade de verdade*) prescrevem os espaços nos quais cada sujeito pode, ou não, circular e se pronunciar. Já os procedimentos internos (o *comentário*, o *princípio de autoria* e as *disciplinas*) impõem aos sujeitos mecanismos para produção e circulação dos discursos.

Essas considerações reintera o lugar dos discursos na sociedade, dando a eles um lugar de construção de técnicas e disciplinas criadas a partir de um saber-poder que rege a construção e manutenção da verdade em determinado contexto socio-histórico, em direção a determinação dos sujeitos e a seu processo de subjetivação. São procedimentos de controle dos discursos, e, indica uma sujeição, propondo que não se pode falar qualquer coisa em qualquer lugar, é preciso estar dentro de um sistema de circulação e manutenção dos discursos (Foucault, 2010).

De acordo com Machado (1979), esses processos de sujeição dos discursos são consequências de outros processos sociais e econômicos, como processo cultural e estruturas ideológicas políticas e religiosas, que mantêm relações com outras formas tecnológicas de poder que foram construídas ao longo da História, para manutenção e criação das posições sujeitos.

São técnicas prontas, acabadas que circulam nos discursos, a fim de manter e propor determinados sujeitos, saberes disseminados nas práticas discursivas e culturais de uma sociedade. Esses saberes governam, disciplinam, impõem, mas também particularizam os seres humanos.

Essas tecnologias de poder, de acordo com Foucault (1995), não se dão fora das relações das formas de resistência, pois para analisar o poder é preciso analisar as formas de resistência, as lutas que colocam em questão o estatuto do indivíduo, que por um lado evidencia tudo aquilo que os torna individuais, por outro, atacam tudo aquilo que separa o indivíduo dos outros, que cindi sua relação com a comunidade.

Foucault (1995) afirma que essas lutas não são nem contra nem a favor dos indivíduos, mas são batalhas contra o que é denominado como “governo da individualização”. São resistências em oposição aos efeitos de poder relacionados aos saberes, à competência, à qualificação.

Esses poderes contra o qual os sujeitos confrontam em micro – lutas cotidianas, classificam os indivíduos, marcando-os a uma individualidade, impondo-lhes uma lei de verdade, ligando-os a uma suposta identidade. “É uma forma de poder que faz dos indivíduos sujeitos”, (Foucault, 1995, p. 235) mas que só existem porque esses sujeitos lutam contra ela.

Todas essas lutas, na contemporaneidade, de acordo com Foucault (1995), circulam em torno da busca de compreender quem somos nós, e da recusa a determinados saberes que determina quem somos, ignorando uma singularidade.

Para isso, é preciso compreender, na materialidade enunciativa dos discursos que circulam na sociedade, a que (des)ordem o discurso se inscreve; analisar as condições histórico-sociais de produção que o envolve e o determina; compreender os jogos de verdade que permitiram que se dissesse isso ou aquilo, dessa ou daquela forma, suas leis de construção, bem como analisar as relações de poder que foram construídas através de afrontamentos, pois é apenas no funcionamento dos discursos que é possível apreender os posicionamentos do sujeito e seu processo de subjetivação.

É no funcionamento do discurso que se possibilita ao sujeito assumir posicionamentos: efeitos de partido, o pertencimento a um grupo, a uma escola [...] tudo nos remetem às condições de formação do sujeito [...] pensadas, porém em termos sociais, em termos de organização (Foucault, 2004, p. 40).

Fernandes (2012), ao discorrer sobre a constituição do sujeito e o processo de subjetivação apontadas em diferentes obras de Foucault como *História da Loucura*, *Hermenêutica do sujeito* e *Histórias da sexualidade*, salienta que a prática da subjetividade ou a subjetivação

se refere a formas de constituição do sujeito, sendo “o discurso a ferramenta que possibilita a apreensão e a constituição dos sujeitos por ‘lugares’ exteriores a eles” (Fernandes, 2012, p. 90).

Foucault (1984) compreende que o processo de subjetivação deve ser entendido como práticas refletidas e voluntárias que não somente fixam regras de conduta, mas também procuram transforma-se, modificar-se em seu singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo.

Acreditamos que a tatuagem faz parte de um conjunto de técnicas que tanto se submete a um conjunto de dizeres para si, como é construído pelas lutas que se dão em torno desse discurso, isso porque, simultaneamente, o sujeito tatuado é construído tanto pela combinação entre prática já dita como pela singularidade das circunstâncias que determinam seu uso. E embora hoje, a prática da tatuagem se inscreva na ordem do enunciável, por muito tempo viveu no submundo do indesável ao olhar. Portanto, para que esse discurso pudesse aparecer e circular em diferentes meios sociais, em especial midiáticos, as lutas travadas foram perduraram por muitos anos. A saída do anonimato se dá devido à prática de resistência e à associação a práticas pré-construídas disponibilizadas para o sujeito e seu corpo.

Segundo Courtine (2009), o corpo passa por práticas de verdades temporais ao olhar e desnudar a cortina de fumaça que se estabelece nas práticas marginalizadas requer lutas e subserviências, ou seja, é preciso estar pronto para acolher formas direcionadas pelas instituições de poder e saber.

Para Fernandes (2012), os sujeitos tanto acatam as técnicas prontas, acabadas disponibilizados através dos saberes, como resistem e criam novas formas de ser, de aparecer, permitindo novas formas de subjetivação. “As resistências ao poder devem ser entendidas como aquelas

que visam a defesa da liberdade” (Foucault, 1995, p. 235). na prática da tatuagem, percebida no nosso *corpus*, a busca pela liberdade se dá tanto através da ratificação dos milhares de seguidores como pelo atravessamento de práticas pré-estabelecidas -inscritas dentro uma ordem enunciável- pelo discurso da saúde (higine) e pelo da arte.

Contrapondo as técnicas e tecnologias prontas do poder¹, que propõem a criação e manutenção dos sujeitos, muitos tatuados, por muito tempo, foram interditados ao criarem para si certos valores estéticos e certos critérios de estilos. Segundo Marques (1997), no Brasil, apenas a partir dos anos 90 que a tatuagem, ligada a alguns práticas de políticas para o corpo, ganha alguma visibilidade. Até então estava submissa ao submundo marginalizado, ligada a escravos, indígenas ou bandidos.

A arte da tatuagem: práticas de subjetivação na pele

Entendemos que a tatuagem, na atualidade, inserida em diferentes práticas corporais, em especial, a prática artística, vem propor novas formas de ser e produzir sujeitos. Isso porque, as vontades de verdade em torno das modificações corporais, na contemporaneidade, têm passado por mudanças significativas ligadas à saúde, arte, ao consumo, à moda etc. Para Ortega (2008), dentro das práticas de consumo de modificações do corpo, a tatuagem, hoje, já não está mais associada a grupos marginais e com a subcultura. Ou seja, os discursos da tatuagem e suas leis de emergência, na atualidade, estão determinados pelas condições histórico-sociais corporais atuais.

Entretanto, a questão que nos leva a pensar a Tatto dentro regras contemporâneas para o corpo é: que novas técnicas são expostas/im-

1. Trata-se de como o poder domina e se faz obedecer.

postas que permitem que essa prática entre no verdadeiro da época como um lugar positivo de práticas subjetivadoras?

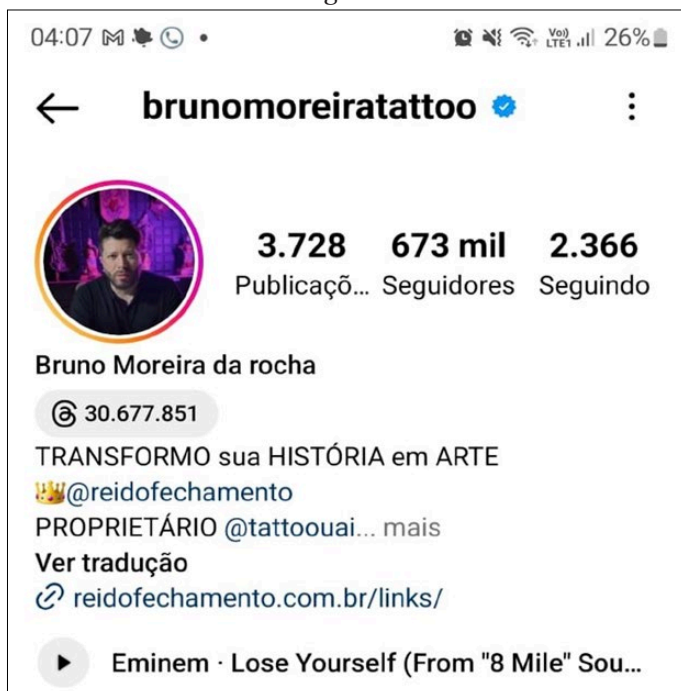
É inegável que estando a tatuagem inserido nas práticas discursivas da arte, da saúde, da estética e da moda, ela passa a produzir novos e positivos efeitos de sentidos. Não se pode esquecer que a mídia se faz presente na apropriação dessa prática, tendo em vista que ela tem um papel disseminador em torno das práticas proposta para o sujeito tatuado. No entanto, conforme salienta Pires (2005), as razões que levam os indivíduos a tatuarem seus corpos são tão diversas como as tentativas de explicação. Dizemos isso com objetivo de, já justificar aqui, que nossa análise não exaure o assunto, mas busca, por meio de uma *arqueogenealogia*, um ponto a se olhar.

Vejamos, em seguida, como os dizeres sobre a tatuagem, publicados na mídia – *Instagram* – de 3 (três) tatuadores de diferentes regiões do país, e sites e *Studio* de tatuagem associados a esses tatuadores, indicam dizeres do sujeito tatuado, quanto para o sujeito a se tatuar.

Iniciaremos nossa análise com o perfil de Bruno Moreira da Rocha, reconhecido como um dos melhores tatuadores do mundo, ganhando o prêmio da melhor tatuagem na 10ª edição do evento *Tatto week -2022* que aconteceu em São Paulo. Atualmente, Bruno tem 673 mil seguidores no Instagram e se apresenta como tatuador que transforma a história das pessoas em arte. Considera-se um artista que eterniza sua arte na pele das pessoas. Veja sua fala na entrevista dada ao final do evento e no ano passado “É incrível e inexplicável a satisfação diária de saber que estou escrevendo histórias, eternizando minha arte que ficará para sempre marcada na pele dos meus clientes”. Disponível (<https://www.pe24h.com/noticia/8395/melhor-tatuagem-da-tattoo-week-e-do-tatuador-bruno-moreira-de-sao-paulo>). Acesso em 10-08-2023.

O tatuador também ficou bastante conhecido quando, no ano passado, se negou a fazer uma tatuagem que tinha um desenho de uma suástica. Abaixo um *print* do perfil do tatuador.

Figura 1



Fonte: @brunomoreiratattoo – acesso em 10-08-2023

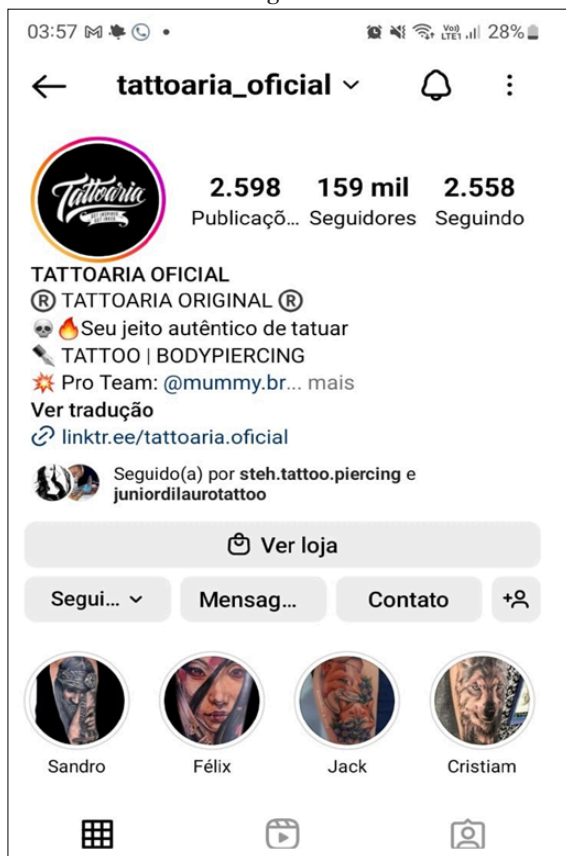
O enunciado que apresenta seu perfil é: TRANSFORMO sua HISTÓRIA em ARTE, palavras em caixa alta, provando um efeito de sentido em um jogo de relações entre o invisível e o visível. Para a análise do discurso, dizer algo não se trata de uma escolha paradigmática, nos termos da língua, mas de assumir uma posição discursiva (Possenti, 2007). Isto é, dizer que TRANSFORMA sua HISTÓRIA em ARTE (gritando), significa a inserção do sujeito a um lugar discursivamente reconhecido, visível. Não deixa de ser um lugar que chama os sujeitos

a resistência as suas singularidades, um lugar de luta em busca de descortinar os sujeitos, mesmo que a partir de práticas inseridas em verdades da época. O grito nas palavras, transformo sua história em arte, chama o sujeito a emergir das memórias individuais para a tela pele. no final não se tratará mais de um sujeito invisível, mas de sujeito que saiu dos guetos silenciosos para adentrar a um conjunto de enunciados que envolve arte. Nesse cenário, vale perguntar: e o que é a arte? Que dizeres dessa formação discursiva são postos em emergência? Segundo o dicionário Houaiss, a Arte é a “produção consciente de obras, formas ou objetos, voltada para a concretização de um ideal de beleza e harmonia ou para a expressão da subjetividade humana” disponível em https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#0. Acesso em 05 -11-2023. Parece-nos que em torno da prática da tatuagem os dizeres que são retomados na emergência de seu acontecimento está o desejo de expressão do sujeito.

Outro perfil selecionado foi o da Tattoaria – oficial, com 159 mil seguidores, também situado na cidade de São Paulo.

Nesse perfil, a regularidade em torno de práticas de si para si é inscrita, interdiscursivamente no enunciado “Seu jeito autêntico de se tatuar”, à medida que, nesse dito, é reafirmado o lugar a singularidade do sujeito pela escolha de um desenho. É a sua história “autêntica”, parte de suas lembranças e memórias que logo ao ser transposto para pele - passado pelas mãos do artista - transformam-se em arte. Assim sendo, sai do anonimato para a emergência discursiva das práticas sociais atuais, isto é, do submundo para a História da arte.

Figura 2



Fonte: @tattoaria_oficial-acesso em 10-08-2023

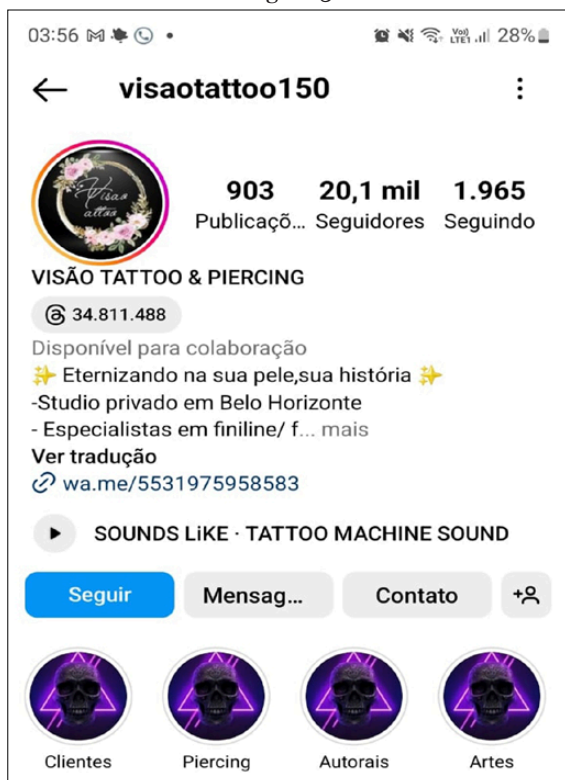
Nos perfis seguintes, indiferente dos demais, temos a arte como regularidade dessa prática que, por muito tempo, se fazia escondida para que não fosse julgado ou sofresse sanções ligadas a um discurso pré-construído como uma prática marginal.

Na verdade, 'ser autêntico' e 'transformar sua história em arte' são enunciados que se inscrevem numa rede enunciativa proposta nas redes sociais – *Instagram*, *facebook* – em que entra em jogo práticas subjetivadoras para o sujeito. No entanto, diante do desejo de descortinar a fumaça que o libertará da invisibilidade, o sujeito é levado a se

inscrever nas regras desse jogo enunciativo de poder. Regras que são acolhidas pelos sujeitos em um batimento entre o que se propõe e o que de fato ele acredita ser particularmente seu. Acreditamos, conforme Baumam (2005), que à medida que suas memórias pessoais estão postas nos fios dessas regras há um lugar próprio de identidade.

Os próximos perfis selecionados são de *Studios* de tatuadores do Estado de Minas gerais e Rio de Janeiro, A escolha pelos estúdios deu-se a partir de um levantamento sobre a expressividade dos tatuadores e Studio no cenário brasileiro da tatuagem, bem como ao desejo de analisar as regularidades que se fazem presentes independente dos Estados em que estão inseridos.

Figura 3



Fonte: @visaotattoo – acesso em 23-08-2023

Vejam os que no lema do perfil do *Studio Visãotattoo* - Belo Horizonte - a regularidade em torno da emergência da história do sujeito continua. Um perfil com mais de 20 mil seguidores, marcado pela busca de sujeitos que procuram eternizar seu lugar na pele. É recorrente ainda, em todos os perfis aqui analisados o pronome possessivo seu/sua em busca de direcionar e ratificar uma proposta de identificação dos sujeitos com os enunciados. Essa estratégia enunciativa chama atenção do sujeito à medida que se sente parte do processo de produção de sua subjetividade, pois é sua história posta em eternidade.

A ideia enunciativa em torno do enunciado eternizar, embora redistribuída no acontecimento em sua volta, carrega traços e laços que são reativados e atravessados por outras formações discursivas, nesse caso, a ideia de eternidade – viver para sempre - comum no campo religioso. No entanto, esse sentido é ressignificado na singularidade da emergência do dizer que propõe um efeito de imortalidade do sujeito distinto do proposto para o campo religioso, posto que sua eternização não ultrapassa a vida biológica do sujeito, pois é uma eternidade de si para si, enquanto que a eternidade dentro de uma formação discursiva religiosa está além da morte física. Essas relações interdiscursivas deixam marcas como somos seres produtos e produzidos pela singularidade e relações com saberes e poderes prontos para serem acolhidos ou “impostos”. Para Foucault (1985), os sujeitos tanto acolhem técnicas prontas, disponíveis através dos saberes, como resistem e criam novas formas de ser, permitindo outras formas de subjetivação.

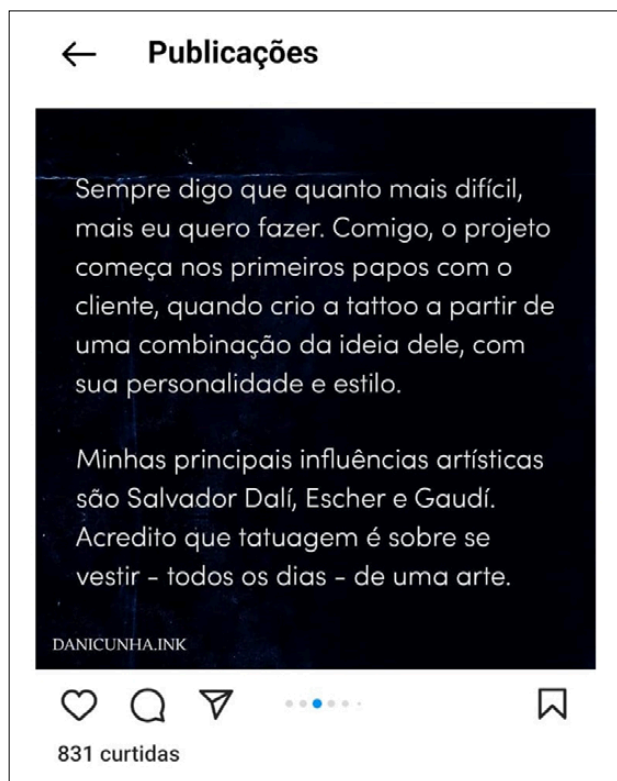
Nos recortes seguintes, figuras 4 e 5, a partir do Instagram da tatuadora Danicunha.ink, do Rio de Janeiro, a arte continua sendo o fio condutor da proposta da tatuagem enquanto lugar de visibilidade.

Figura 4



Fonte: [@danicunha.ink](#) acesso em 23-08-2023

Figura 5



Fonte: @danicunha.ink acesso em 23-08-2023

A combinação entre arte, estilo e personalidade recorta ambos os posters exibidos pelo Instagram da tatuadora. Vejam que ela ainda ratifica esse fio condutor da arte com suas influências artísticas como Salvador Dali, Escher e Gaudi, e acrescenta “acredito que tatuagem é sobre vestir- todos os dias – de uma arte.

A exibição da arte na constituição da história dos sujeitos é um aspecto regular nas práticas corporais atuais para a tatuagem, sendo parte de dispositivos que assinalam uma posição sujeito, um cuidado de si que toma forma no interior das redes discursivas distintas ou de grupos que sinalizam um lugar, uma cultura etc.; elas estão dentro

do sistema de significação dos discursos, submetidos às regras de sua aparição. Para Fernandes (2012) “o sujeito, busca ou é levado a pertencer a lugares, a portos que asseguram a sua existência” (Fernandes, 2012 p. 81). Nesse caso, a arte passa a ser o caminho mais seguro na produção de sujeitos tatuados.

Essa regularidade enunciativa em torno da arte, estilo e singularidade do sujeito, é, atualmente, na prática da tatuagem atravessada por um discurso de segurança e saúde – modos de assepsia conforme a exigência da vigilância sanitária, qualidade dos produtos, práticas de saúde e cuidado para a pele - são modos regulares de inserção segura a existência do sujeito tatuado. Esses elementos também buscam marcar um novo lugar a prática da tatuagem, que por tanto tempo viveu nos guetos discursivos. Propor esse novo lugar, a partir de discursos verdadeiros da época faz parte das tramas enunciativas que se inscrevem na pele. Para Foucault (1985), na produção da subjetividade os elementos de si para si, estão intrinsecamente relacionados a elementos exteriores a si, via movimentos corporais ou de linguagem.

Esses movimentos exteriores – dizeres que atravessam os discursos da arte e da singularidade - são marcados pela rede enunciativa de sentidos em torno da segurança, saúde, beleza, etc.- exposto nos Instagram dos tatuadores aqui analisados e reforçado pela repetição em diversos outros perfis dispostos nas redes sociais. é comum repetições como: ‘aqui temos os melhores equipamentos’, ‘os cuidados pós tattoo’, ‘higienização do espaço’, técnicas inovadoras, beleza, etc. Ou seja, a transformação de histórias pessoais em arte na pele é sempre entrecortada por outros dizeres, presentes na materialidade discursivas. Assim, esses tatuadores propõem aos clientes sair do anonimato e marcar para sempre técnicas objetivas e subjetivas de si para si.

Hodiernamente, as verdades da época para a tatuagem, exteriores ao sujeito, entrelaçam-se com as singularidades resistentes a um conjunto de saberes disciplinares, construídos a partir de valores culturais simbólicos e políticos para essa prática, acendendo uma luz a obscuridade que por muitos anos se escondiam por debaixo das roupas. Para Courtine (2009), as práticas marginalizadas requerem lutas e subserviências, é preciso estar pronto para acolher formas direcionadas pelas instituições de poder e saber. Dainte dos milhares de seguidores aos mais diversos perfis dos tatuadores, pode-se inferir que os sujeitos têm enfrentado essas lutas e subserviência em busca de relações de si para consigo.

Se por muito tempo a tatuagem esteve nas sombras, hoje, emerge nas práticas de verdades corporais da época. A resistência que há tanto se escondia na pele deve estar a mostra, afinal de contas é a arte e todo um conjunto de valores em torno dela que transcende na tela da pele. Sendo arte, seu efeito de sentido expressa a mais pura percepção de mundo, de sentimentos que potencializam a existência das coisas e dos seres humanos. Para Le Breton (2004), a tatuagem é uma arte que recoloca os sujeitos sob as mais diversas questões pessoais e sociais, são sentimentos sobre si e sobre seus desejos e coisas que eles não conseguem explicar, apenas sentir.

Considerações finais

O discurso da tatuagem permite-nos pensar a constituição do sujeito além das comunidades de fato, fazendo-nos alargar outras formas de reflexão sobre a constituição do sujeito na sociedade. Sendo a *tatto* uma marca no corpo que representa, diferentemente, ao longo da História e das comunidades, acreditamos que a tatuagem é mais

que símbolos comuns, é uma prática discursiva que solda um grupo, particulariza sujeitos, cria técnicas de existência e ideias em torno de si mesmo.

Como os sujeitos são sociais e os sentidos são históricos, os discursos se confrontam, digladiam-se, envolvem-se em batalhas, expressando as lutas em torno de dispositivos identitários. Michel Foucault (1979) enxerga, nesses intensos movimentos, uma microfísica do poder: pulverizados em todo o campo social, os micropoderes promovem uma contínua luta pelo estabelecimento de verdades que, sendo históricas, são relativas, instáveis e estão em permanente reconfiguração. Eles sintetizam e põem em circulação as vontades de verdade de parcelas da sociedade, em um certo momento de sua história. As identidades são, pois, construções discursivas: o que é “ser normal”, “ser louco”, “ser incompetente”, “ser ignorante”, “ser tatuado”, senão relatividades estabelecidas pelos jogos desses micropoderes?

Para Foucault (1979) os indivíduos, como seres passivos, não aceitam todas as determinações do poder, mas os compreendem como seres que lutam contra a diversas formas de dominação e individualização. As lutas mostram que nenhum poder é absoluto, permanente, mas transitório, circular. “O exercício do poder para Foucault não é um fato bruto, um dado institucional, nem uma estrutura que se mantém ou se quebra” (Gregolin, 2004, p.136), mas um modo de ação sobre as ações dos outros.

No discurso da tatuagem, essas relações que propõem um novo lugar a prática da tatuagem aos poucos, ao se juntarem a práticas “disciplinares” já pré-estabelecida para o corpo saudável, bonito ou desejado, ganham novos adeptos e novas configurações, sai do anonimato do submundo para as telas pele e da pele para a história da arte. São história de si para consigo que agora podem ser mostradas. Para Or-

landi (2006) o sujeito dá continuidade a esses processos de significação do eu na pele. “O sujeito acaba textualizando o próprio corpo: o *piercing*, a tatuagem. Do lado de fora, o excesso transborda, tudo é texto, é escrita, e o sujeito se subjetiva escrevendo também para todo lado” (Orlandi, 2006, p. 270).

Por fim, a tatuagem, que aparece nas redes sociais- instagram, de certa forma, funciona como escrita correspondência em constante evidência, dizendo a todo tempo o desejo do eu, seja acatando formas disponibilizadas, seja resistindo e lançando ao olhar do outro o desejo de se apoderar de si mesmo, de fazer escolhas ou apoderar de uma identidade.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista à Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.

BRETON Le, David. *Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas*. Trad. Tereza Frazão. Lisboa: Miosótis, março, 2004.

COURTINE, J. J.; CORBIN, A.; VIGARELLO, G. *História do corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. v. 3: As mutações do olhar: século XX.

FERNANDES, C. A. *Discurso e sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 14ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979 .

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: edições Graal, 1984.

FOUCAULT, M O sujeito e o poder. In: RABINOW, P, & DREYFUS, H. Mi-

chel Foucault. *Uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, M. *Resumo dos cursos do collège de france (1970-1982)*; trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FOUCAULT M. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução de Márcio Alves Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 2oed. São Paulo: Loyola, 2010.

GREGOLIN, R. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos, SP: Claraluz, 2004.

MACHADO, R. Por uma Genealogia do Poder. In: *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 14ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MARQUES, T. *O Brasil tatuado e outros mundos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ORLANDI, Eni P. À flor da pele: indivíduo e sociedade. In: MARIANI, Bethania (Org.). *A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e psicanálise*. São Carlos, SP: Claraluz, 2006, p. 21-30.

ORTEGA, F. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

PIRES, B. F. *O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificações, tatuagem*. São Paulo: Senac, 2005.

RAMOS, C. M. A. *Teorias da tatuagem: corpo tatuado: uma análise da loja Stoppa Tattoo da Pedra*. Florianópolis: UDESC, 2002.

Recebido em: 7/09/2023

Aprovado em: 29/11/2023

Licenciado por

